

## SABERES DAS ÁGUAS – INTERTROCAS CONTÍNUAS ENTRE PESSOAS, SABERES E UMA FLUIDA ANCESTRALIDADE AMAZÔNICA

Eliene da Silva ALVES<sup>1</sup>

Profa. Dra. Eliana Campos Pojo TOUTONGE<sup>2</sup>

### RESUMO

Este texto é uma reflexão sobre os ‘saberes das águas’ a partir do cotidiano e travessia dos sujeitos que residem às margens do rio Acará-PA nesta cidade, com ênfase a importância da água na cultura e nos processos identitários das pessoas e da comunidade. Esta pesquisa, em andamento, objetiva analisar as representações socioambientais acerca dos saberes das águas desses residentes, estabelecidos a partir de relações concretas com o rio, com o espaço-tempo das águas. O estudo, de caráter qualitativo, utiliza-se dos seguintes procedimentos metodológicos: a observação participante, o registro de campo, entrevistas e conversas informais junto de moradores, feirantes e barqueiros, precisamente trabalhadores que circulam diariamente o entorno do rio Acará. Também, busca-se dialogar com alguns autores que discutem temas concernentes ao objeto investigado, a saber: intertrocas recorremos a Brandão (2007), a água com Diegues (2007) e sobre contextos e sujeitos ribeirinhos utilizamos alguns referenciais de Castro (1998). As análises estão sendo feitas a partir de fotografias e o repertório oral dos sujeitos tomando suas representações e sentidos. A partir destas, já é possível inferir que mesmo instituídos na dinâmica de cidade os sujeitos se conectam às fontes naturais, principalmente com o rio que margeia a cidade, possuindo uma conexão visível com o ir e vir das águas nos quais são perceptíveis a partir de suas influências nas ações cotidianas. As terras e matas, causos e símbolos são aspectos simbólicos do imaginário amazônico bem como sua forma de representá-la no contexto socioambiental das águas do rio Acará, os quais estão presentes no repertório oral desses sujeitos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Intertrocas. Águas. Contexto Ribeirinho.

### WATER KNOWLEDGE - CONTINUOUS INTERCHANGE BETWEEN PEOPLE, KNOWLEDGE AND AN AMAZONIC ANCESTRALITY FLUID

This text is a reflection about the ‘water knowledge’ from the daily life and crossing of the people who live on the riverbanks of the Acará-PA River in this city, with an emphasis on the importance of water in the culture and in the identity processes of people and the community. This research, in progress, aims to analyze the socio-environmental representations about the knowledge of the waters of these residents, established from concrete relations with the river, with the space-time of the waters. The qualitative study uses the following methodological procedures: participant observation, field registration, interviews and informal conversations with residents, marketers and boatmen, precisely workers who circulate around the Acará River daily. In addition, we seek to dialogue with some authors who discuss concerning themes about the object investigated, namely: interchanges we use Brandão (2007), the water with Diegues (2007) and about contexts and riversides subjects we use some references from Castro (1998). The analyzes are being made from photographs and the oral repertoire of the subjects taking their representations and meanings. From these, it is already possible to infer that even if instituted in the dynamics of the city, the subjects are connected to the natural sources, mainly with the river that borders the city, having a visible connection with the coming and going of the waters in which they are perceived from their influences on everyday actions. The lands and forests, causes and symbols are symbolic aspects of the Amazonian

<sup>1</sup> Discente do Curso Pós Graduação Lato Sensu em Ensino de Ciências da Natureza em Territórios Educacionais da Transamazônica e Xingu, Faculdade de Etnodiversidade da Universidade Federal do Pará – Campus Altamira. E-mail: elienyalves@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Sociais. Docente da Universidade Federal do Pará – Campus de Abaetetuba. E-mail: elianapojo@ufpa.br.

imaginary as well as its way of representing it in the socio-environmental context of the waters of the Acará River, which are present in the oral repertoire of these subjects.

**Keywords:** Interchanges. Waters. Riverside context.

## Introdução

A água é fundamental para a existência dos seres bióticos, sendo a fonte hídrica essencial para a permanência dos humanos no espaço planetário. Em vista disso, é perceptível uma conexão dos seres humanos com esse elemento natural, que, desde os primórdios, aprenderam a interagir com fontes hídricas. Nesse sentido, “A história da humanidade pode ser escrita por meio das formas pelas quais o homem vem usando as águas do Planeta” (PINTO-COELHO & HAVENS, 2015, p.18).

Não obstante, a água passou a ser compreendida pelos sujeitos como essencial ao nosso corpo, e, com o tempo, “A civilização humana foi, ao longo dos séculos, dominando diferentes formas de uso das águas”, com isso “No decorrer dos séculos, o homem aprendeu a encontrar, armazenar, tratar e distribuir a água para seu consumo próprio” (PINTO-COELHO & HAVENS, 2015, p.18).

Tomando tais ideias sobre o domínio da água, esta passou a ser considerada como recurso, principalmente a partir do século XX com a Revolução Industrial, na qual sua utilização para fins capitalistas transformou-se intensa, assim, a água tornou-se fonte de fins expressivamente utilitários para os seres humanos. No entanto, seu uso excessivo causou uma série de impactos negativos, principalmente, às fontes hídricas. Dentre estes encontram-se os danos ambientais, os naturais e os sociais, como descreve Pinto-Coelho e Havens (2015, p.21) “Essa globalização da industrialização causou uma rápida degradação das águas continentais que passaram a sofrer muito com os impactos gerados por esse novo ciclo econômico”.

Na vida cotidiana, observamos o uso da fonte hídrica nos mais diversos espaços sociais, assim como notamos que nestes há uma forte atuação com as águas como é o caso de muitas das comunidades tradicionais na Amazônia paraense, nas quais se promove um aprendizado de intertrocas entre sujeitos, produções e a socialização com relação à natureza e à cultura. Nesses lugares, a vivência é diversa, a exemplo de quem reside nas localidades às margens das águas, em rios, furos e igarapés. Estes aprendem a conviver com os cursos d’água em vários âmbitos da vida, conforme explicitaremos mais adiante.

Tal aprendizado faz parte da vida dos seres humanos. Eles aprendem tanto de modo coletivo quanto individual e, esse aprendizado circula nos espaços sociais como as escolas, os domicílios, as

igrejas, nos círculos de conversa entre vizinhos e familiares e até mesmo no rio. No caso do rio, processa-se uma forma de interação social em que as pessoas fazem uso do mesmo para o lazer, para atividades domésticas, para as travessias, para a comercialização, entre outros usos, e durante as várias movimentações que ocorre nele se processam também “[...] os sistemas de intertrocas de pessoas, de bens e de mensagens [...]” (BRANDÃO, 2007, p.53), ocorre um múltiplo compartilhamento de experiências. Esta relação de intertrocas entre os sujeitos nesses espaços de movimentação social também é perceptível no rio Acará, pois as pessoas fazem uso do mesmo em várias situações e, dentre essas articulações sociais ocorridas no espaço circundado por águas, as mais expressivas envolvem a circulação de pessoas pela travessia na balsa, os diálogos nos finais de tarde na margem do rio e os usos das águas para finalidades domésticas, conforme já citado.

Nesse ínterim, conseqüentemente, acontece a multiplicação dos saberes presentes nesses locais, os quais são transmitidos e aprendidos entre as gerações e são transformados (ou não). Ocorre um tipo de aprendizado informal, de fundamental importância para a socialização das pessoas, um aprendizado cunhado de experiências, de afetos, que mistura gerações de vida; há um misto de saberes que está alicerçada na prática cotidiana, sendo parte das vivências dos sujeitos que convivem e vivem às margens dos rios.

Assim, este escrito visa a discutir sobre os ‘saberes das águas’ a partir do cotidiano e do movimento de ribeirinhos na dinâmica da Amazônia paraense, estabelecidos a partir de relações que uma comunidade ribeirinha<sup>3</sup>, especialmente moradores residentes da cidade às margens do rio Acará-PA, possui com este, identificando suas simbologias e seus modos de viver e de estar no espaço-tempo dos rios, dos furos, dos igarapés e das matas, de estar no espaço-tempo das águas<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> O termo ‘ribeirinho’ na Amazônia serve para designar povos tradicionais que habitam às margens dos rios e que sobrevivem através de articulações com os recursos da terra e da mata, e com os cursos d’água (CASTRO, 1997; DIEGUES, 2000; POJO, 2017).

<sup>4</sup> Vale ressaltar que este artigo é parte da pesquisa em andamento realizada para o Projeto de Pesquisa intitulado “Mapeamento de saberes das águas na região do Baixo Tocantins: interagindo com práticas e saberes locais de povos tradicionais”.

## 1. Material e método

### 1.1 Área de estudo

A pesquisa, em andamento, acontece no município de Acará, pertencente “à Mesorregião Nordeste Paraense e à Microrregião de Tomé-Açu” (FADESPA, 2016, p.12). O município encontra-se aproximadamente a 100 km de Belém, capital do estado, e possui três vias de acesso, a Alça Viária com a Pernaçu e Rod. PA 252, a BR 316 até o município de Santa Izabel, em seguida pela Rodovia PA 140 até o trevo de Concórdia e logo mais a Rod. PA 252, e também pela BR 316 até Santa Maria na sequência a BR 010 até Mãe do Rio e a PA 252. A cidade de Acará faz limite com os municípios de “Barcarena e Moju a oeste, Bujaru, Concórdia do Pará e Tomé Açu a leste, Belém, Ananindeua e Marituba a norte e Tailândia a sul” (FADESPA, 2016, p.12).

No caso da pesquisa, a mesma delimita-se no entorno do Rio Acará, cuja localização faz fronteira com a travessia da balsa, passando pela rua principal que circunda a Feira do Peixe e a Feira da Verdura, sendo também parte do entorno o outro lado do rio Acará (em frente à cidade), que faz limite com um conjunto de casas com seus respectivos moradores, que realizam a comercialização e a travessia da balsa, residem às suas margens, trabalham como barqueiros dentre tantos outros aspectos da vida.

### 1.2 Instrumento e procedimentos para coleta de dados

Como procedimentos metodológicos, esta pesquisa vem adotando: a) o estudo bibliográfico, buscando adotar subsídios para discussão e aprofundamento da questão, com os seguintes autores e temas, a saber: Intertocas a partir das ideias de Brandão (2007), a Água com Diegues (2007); CASTRO (2006) e os próprios moradores com seus saberes; sobre contextos e sujeitos ribeirinhos, recorremos aos referenciais de Castro (1998); b) a observação participante, sendo priorizado observações no *locus* da pesquisa, bem como estabelecimento de relações próximas com os sujeitos; c) os diálogos informais, cujos interlocutores diretos são os sujeitos que residem e/ou trabalham no entorno do rio; d) a construção de Registros escritos e fotográficos: elaboração de mapas, captura de imagens do lugar e de processos interativos, croquis dos espaços (feira, balsa, embarcações etc.). Tais procedimentos visam a captar os processos, os saberes, as representações sobre o viver no entorno do rio Acará, isto é, procura-se captar os saberes das águas e as relações sociais que permeiam a vida sob o signo das águas.

## 2. Resultados e discussão

Os saberes são produzidos e disseminados em diversos espaços sociais, cujos aprendizados refletem em nossas ações diárias, na medida em que ao longo de um ciclo de vida moldamos nossas posturas, comportamentos e visões em processos cotidianos que permeiam por toda a vida. Assim, “[...] pensar racionalmente um mundo começa por criar os padrões tempo-e-espaço, em que sujeitos sociais criam os cenários entre a natureza e a cultura, que os recriam como múltiplos e interativos atores culturais dos dramas de vidas que compartilham” (BRANDÃO, 2007, p.48). Neste sentido, estes cenários naturais e culturais influenciam reciprocamente dirigidos pelo observar e agir frente a tais questões.

Utilizamos as concepções sobre saberes, referidas acima, visando a reafirmar que o meio social e o meio natural interferem diretamente no modo de vida, nos costumes e nas crenças, quase sempre orientado por vivências junto aos nossos pares, sejam nossos familiares ou outros. A exemplo, podemos citar os sujeitos residentes das margens de rios, de córregos e de igarapés que participam interativamente do aprender a nadar, a pilotar uma rabeta, a banhar-se nas águas; eles são influenciados e aprendentes de um peculiar modo de vida. De outro modo, o meio social e natural nos instiga a um constante aprendizado, iniciado por um processo que podemos chamar de adaptação no convívio social, natural, geográfico, territorial.

Deste modo, este escrito traz como questão principal as relações de intertrocas entre o homem-homem e homem-natureza. Assim, na sequência, daremos ênfase a alguns apontamentos da pesquisa, ainda que substancialmente a nível teórico, com base nos itens sinalizados, mas que suscitem inquietações referentes às relações da água por sujeitos e seus saberes no tocante ao convívio de moradores do entorno do rio Acará.

### 2.1 Vivência nas águas: as crenças, mitos

Ao longo da história da humanidade, a água foi considerada “[...] uma das maiores valorizações do pensamento humano porque representa uma necessidade fundamental à vida, já que está na base de quase todas as atividades humanas” (CHIAPETTI; CHIAPETTI, 2011, p.68). Ela foi observada como bem proveniente da natureza e nos fornecida através dos rios, dos córregos, dos igarapés, das praias, sendo esta fonte natural dominada pelo homem. Nesse processo histórico acerca das fontes hídricas, as populações tradicionais consideravam a água como bem divino. “Também aparece nos mitos criadores

das próprias sociedades, muitas vezes como dádiva dos deuses aos antepassados”, e alguns sujeitos voltavam suas crenças sobre a água a partir de suas tradições religiosas; logo, “Presente na criação do mundo, as águas são consideradas dádivas divinas [...]” (DIEGUES, 2007, p.01). Além disso, muitos mitos surgiram sobre as águas, em especial relatos fantasiosos surgiam a partir das histórias imaginárias (ou não) de sujeitos que frequentavam os espaços nos cursos das águas e que tais sujeitos navegavam por eles.

Neste sentido, muitas crenças e mitos foram se desenvolvendo em diversos lugares, alguns característicos desses ambientes e outros comuns da região. Alguns se difundiram nos espaços. A exemplo, temos na Região Amazônica uma variedade de mitos e crenças, comuns a determinadas localidades e outros diversos – como a Mãe D’Água<sup>5</sup>, o curupira, o saci, a Matinta Pereira, entre outros. Especificamente, a Região Amazônica constitui-se um espaço que abriga diversos sujeitos com demasiada diversificação cultural e étnica, onde se presencia uma mescla de culturas, de crenças, de acontecimentos folclóricos locais e regional. Notadamente, essa região encontra-se potencialmente integrada ao mundo das águas, cuja referência se conecta a seres sobrenaturais como “[...] a Mãe d’Água entre os caboclos da Amazônia [...]” (DIEGUES, 2007, p.01), o Boto e a Cobra Grande. Tais mitos “[...] assumem então essa função integradora” imprimindo características imaginárias onde envolve a proteção das águas, o encanto e a manutenção local (NETO; FURTADO, 2015, p.171). Assim sendo, ao longo dos anos, estes mitos foram sendo difundidos na região, principalmente no Estado do Pará, em cidades que possuem rios em seu entorno. E esta interrelação cultural e de saberes influencia nos aspectos religiosos, educacionais e políticos.

Especialmente, em se tratando da religiosidade, vemos grupos sociais formados em uma localidade com forte movimento organizativo e/ou de criação com fins de fortalecimento espiritual, cujas significações e adaptações ressoam suas crenças, suas vivências e suas ações tradicionais e culturais. Assim, “Construída de modo singular, a religiosidade desses grupos incorpora também significados que a diferenciam da construção da territorialidade do ponto de vista da apropriação utilitarista da terra [...]” (NETO; FURTADO, 2015, p.170), uma vez que os sujeitos ampliam suas significações a partir das

---

<sup>5</sup> Na literatura, é conhecida como a Iara.

valorizações sociais características deles nestes lugares, ou seja, da “[...] relação do homem com seu hábitat [...]” (NETO; FURTADO, 2015, p.170).

Na cidade do Acará, *locus* desta pesquisa, muitas são as crenças que dizem respeito às águas do Rio Acará. Das crenças, as mais citadas no repertório dos cidadãos, que envolvem a religiosidade, são as provenientes das crenças católicas e, em particular, nas das festividades da Virgem Maria e nas dos Santos Católicos que evocam simbolismos oriundo da interação social entre as famílias e as localidades, os saberes e as crenças. O Santo Padroeiro da cidade de Acará é São José, contudo o Círio de maior visibilidade festiva é o que faz referência à Nossa Senhora de Nazaré, comemorado no mês de novembro, destacando-se pela movimentação de sujeitos na cidade nesse período festivo, no qual muitas famílias se reúnem para compartilhar esse momento festivo de adoração e fé. Durante o festejo, são comuns as atividades e as homenagens à Nossa Senhora, tais como o círio fluvial e a caminhada pelas ruas da cidade, nas quais os atores partilham sua devoção neste momento espiritual, conforme se observa na imagem abaixo:

Foto 1 – Procissão do Círio de Nossa Senhora de Nazaré - Acará



Fonte: Pesquisa de Campo. Autora: Keyse Sena, 2019.

*A fluidez das águas no rio, traz um conjunto de saberes, transformados em aspecto de valor e cultura, pelas pessoas que vivem esses amores. O movimentar dos saberes do rio, segue junto com sentimentos de fé, que agitam os fiéis nesse desafio, de acompanhar e saudar a Mãe Nazaré, estejam estes na terra ou no rio. Todos unidos neste momento de fé, denominado Círio de Nazaré.*

*LN Alves (2019)*

É possível dizer que “Pelo narrar das histórias, as pessoas do lugar sugerem diferentes visões de mundo permeadas por mitos, lendas, religiosidade que povoam o imaginário e o simbolismo dos sujeitos [...]” (POJO, 2017, p.61), sendo bastante ressaltados os encantos e o imaginário das populações que margeiam os rios, como acontece na vida cultural que circunda o Rio Acará. Não é à toa que o boto na

cidade ainda é afirmado como o animal que, por encantamento, se torna homem e namora as mulheres da margem desse rio; a Cobra grande possui sua cabeça embaixo da igreja matriz e seu corpo está localizado no fundo do rio, sendo que um dia esta se movimenta e destrói a igreja e parte da cidade. Narram-se essas histórias, transmitidas por moradores. Assim, as crenças religiosas e os mitos sobrenaturais dão forma às ações identitárias desses sujeitos neste pedaço da Amazônia paraense.

## 2.2 Vivência nas águas: respeito e afetividade

Foto 2 - Orla da Cidade de Acará



*Na travessia pelas águas eu me pego a pensar, aquele amontoado de gotículas juntas, que antes me faziam amedrontar, hoje observo com respeito à fluidez das águas lentas, todas se movimentando, nesse espaço-lugar.*

*Hoje navego por elas com mais sentido, para além de águas a passar, são modos, jeitos e vivências, característicos dos sujeitos deste lindo e majestoso lugar.*

*LN Alves (2019)*

Fonte: Pesquisa de Campo. Autora: Eliene Alves, 2019.

Neste item, busca-se dialogar acerca das relações de afeto das pessoas com as águas, substancialmente com aquelas que produzem parte de suas vidas atravessando rios. Como é sabido por todos, um dos elementos naturais mais importantes para a produção de vida na terra é a água, pois ela é parte substantiva do corpo humano, sendo geradora da nossa sobrevivência e fonte de vida. Por muitos seres humanos, ela é considerada como bem natural a ser preservado e protegido, inicialmente pelo aprendizado e ideia mística que aplicavam a esta, da existência de uma divindade de proteção e cuidado.

Com o passar dos anos, grande parte dos sujeitos estabeleceu uma relação com a água, cujo sentido é de apropriação e de dominação; com isso, passou a ser considerada por muitos como mecanismo de valorização capitalista e para fins meramente utilitaristas. Nesses termos, a água assumiu um caráter de recurso pelos seres humanos, ficando seu usufruto desprovido de qualquer mecanismo de interação ou afinidade para com a mesma. Contudo, este modo utilitarista para com a água não é hegemônico em



todos os lugares. Para ilustrar, os sujeitos que residem nas margens de rios, de córregos e de igarapés trazem outros significados para as águas por fazerem parte de suas vivências, existindo “[...] relação com os cursos d’água – rios, igarapés e furos – sendo os portos um lugar de trabalho, de trocas de mercadorias, de circulação de informações e de outros valores simbólicos entre os que vivem nas cidades e aqueles das regiões do entorno, de áreas rurais, de povoados [...]” (CASTRO, 2006, p.30-31), ou seja, os cursos d’água são também locais de sociabilidade e de produção. Os sujeitos imprimem outros significados em suas relações com a fonte hídrica, atribuídos por valores sociais, culturais e ambientais nos espaços. Sobre isto, descreve Neto e Furtado:

Os moradores que habitam as margens dos rios também condicionam o seu comportamento seguindo essa relação dialética, na medida em que preenchem a natureza de sua cultura, ao mesmo tempo que são naturalizados pelas influências que a natureza imprime nas suas relações sociais e de trabalho, no lazer, nas suas simbologias e no seu imaginário marcados pelo rio, na sua morfologia, nos ambientes habitáveis seguindo o movimento das inundações periódicas dos rios etc. (NETO; FURTADO, 2015, p.173).

Tais modos de interagir com as águas estão em processo de observação, de visualizar o cotidiano dos espaços da beira do rio Acará entre outros. Inicialmente, pode-se dizer que tal interação se processa no âmbito socioambiental por parte dos sujeitos, pois apesar da água ser útil na rotina doméstica, na comercial, na travessia e no lazer, percebe-se também que em todos esses momentos mesclam-se relações entre as pessoas e a natureza, nas quais homens, mulheres e crianças se beneficiam deste bem natural na produção da vida de modo mais amplo. É possível afirmar que as águas do rio Acará são utilizadas com diferentes significações pelos sujeitos que residem nas margens, pelos que trabalham na orla e pelos que transitam nos espaços em seu entorno. Os cidadãos da margem da cidade e os sujeitos que residem no outro lado, no espaço rural, são, precisamente, os que mais se valem dessas águas. Do lado cidade, os sujeitos fazem uso da paisagem, com apropriação do espaço da orla para realização de atividades físicas como caminhadas; para comercialização nas feiras de frutas, de verduras, de leguminosas e de pescado; para atracarem os barcos que chegam das localidades às margens da cidade e de transporte de cargas, como a farinha e o açaí para outros municípios; e ainda para travessia na balsa ou barquinho<sup>6</sup>, seguida de trajeto rodoviário pela PA 252.

---

<sup>6</sup> Barquinho: pequena embarcação onde são transportadas pessoas, bicicletas e motocicletas de uma margem a outra do rio.



Na outra margem do rio Acará, o lado rural, os sujeitos utilizam tal margem como espaço de moradia, utilizando-se do rio como fonte de lazer; para realização de atividades domésticas; para o banho regado dos cuidados higiênicos; para socialização de grupos quando utilizam as águas de modo coletivo, como o brincar ou o simples conversar à beira mar, principalmente as crianças, os adolescentes e as mulheres; para a pesca realizada por muitos moradores daquela área.

Os cidadãos possuem uma relação de proximidade com as águas do rio Acará, diríamos de lações afetivos e de interações entre as pessoas e com a natureza. As águas desse rio configuram-se em pontos de relevância, pois em suas margens fazem-se presentes múltiplas formas de pensar e de agir em relação às águas e aos seus benefícios; em suas margens prevalecem ações coletivas e individuais, de sujeitos que vivem e residem nesses espaços.

Na sequência, daremos ênfase às percepções dos impactos e da poluição das águas, cujas interações e interferências são parte da relação homem-natureza.

### **2.3 Vivência nas águas: des(educação) e a degradação da natureza**

A natureza vem ao longo dos anos sofrendo os malefícios em proporções e intensidades enormes devido à falta de educação do ser humano, com prejuízos como a devastação da flora, a poluição do solo, da água e, principalmente, o não reconhecimento da importância da sociodiversidade humana e dos demais seres vivos, como partes substanciais à dinâmica da vida no planeta.

Com isso, os modos de vida dos seres vivos se modificaram. Para ilustrar, citamos os seres aquáticos, que sentem a degradação de seu habitat, isto é, os mares, os rios, os córregos e os igarapés têm alterado o seu curso natural, fato este que reflete na escassez de alimentos, no excesso de poluentes (tais como plásticos, metais e vidros despejados nos hídricos), bem como altera consideravelmente o ciclo reprodutivo desses animais. Pontualmente, em se tratando dos cursos das águas, tais alterações negativas ressoam na vivência dos sujeitos que residem e/ou utilizam das águas como meio de subsistência, de lazer, de travessia, os quais sentem e passam por alterações nos modos de vida.

Os sujeitos que residem no entorno do trapiche e da feira estão integrados às águas. Por meio dela, eles realizam seus afazeres, exercitam rituais e se socializam a partir desse cotidiano. Contudo, nessas águas e nas suas margens são depositados resíduos, como o lixo dos arredores, conforme aparece

na fotografia 3. Esta forma inadequada de depósito de lixo às margens de rios em frente à cidade é praticada e é pública, somada à questão desses resíduos que vão em direção aos córregos vinculados ao rio, que sob a influência das marés e o escoamento das águas pluviais, tais resíduos poluem as águas, causando prejuízos ambientais, sociais e de saúde.

Foto 3 - Poluição na margem campesina do rio Acará



Fonte: Pesquisa de Campo. Autora: Eliene Alves, 2019.

*O lugar natural é belo, aqui modificado pelas ações dos homens que vivem junto ao rio e observam tudo como algo banal.*

*Jogam o lixo no fundo dos quintais, nas ruas e até nos ramais, e com as influências dos ciclos naturais, das marés cheias e das águas pluviais, os lixos descem até o rio pelos canais.*

LN Alves (2019)

Notadamente, os sujeitos que residem e/ou trabalham nos espaços do entorno do rio Acará sofrem com a poluição das águas, na medida em que convivem diariamente com o aumento de resíduos suspensos nas águas e os diluídos<sup>7</sup>, que são de toda ordem, como restos de produtos industrializados, dejetos e restos de animais e outros materiais.

Vale ressaltar que os resíduos despejados no rio são provenientes da forma inadequada de despejo nos logradouros públicos que ficam próximos das margens dos córregos e até mesmo no próprio rio, assim como os resíduos despejados do outro lado – área rural –, que são provenientes das residências que os despejam nos quintais e quando chove e/ou com o aumento do volume de água, ocasionado pelas marés, estes são levados ao rio. As consequências são muitas, e aqui podemos afirmar que o uso desta mesma água com o excesso de poluentes é feito pelos sujeitos que ali habitam, o que causa danos à saúde dos mesmos. Neste sentido, tal situação nos instiga a pensar o que aprender-e-ensinar, a partir do próprio modo de vida. Este é o assunto do próximo item.

<sup>7</sup> Contudo nos atentaremos neste artigo apenas aos resíduos suspensos, pois a pesquisa ainda está em andamento.

## 2.4 Vivência nas águas: os saberes locais

Ao longo dos anos e em vários lugares, diversas relações sociais foram sendo sedimentadas por conhecimentos que elucidam um tipo de qualidade de vida dos seres vivos, em especial dos seres humanos, com outros modos de vida e estes conhecimentos foram sendo repassados tradicionalmente entre gerações.

Especialmente em comunidades tradicionais que vivem às margens de rios, os ribeirinhos, os seus modos de vida próprios, constituem-se aprendizados que se articulam às suas vivências, sendo transmitidos informalmente e cuja apreensão do saber se dá através da observação e participação entre grupos e sujeitos, com atenção especial aos ensinamentos transmitidos pelos mais antigos.

Foto 4 - Crianças na rabeta



*Distante vejo os pequenos a brincar, na canoa à beira mar. No imaginário talvez a viajar, navegando nas águas a sonhar. Diante disso fico a pensar, que suas fantasias refletem muito os saberes do lugar, na vida diária que acompanha também o brincar.*

*LN Alves (2019)*

Fonte: Pesquisa de Campo. Autora: Eliene Alves, 2019.

Esses aprendizados permeiam a vida cotidiana, sendo geradores de muitos modos de ver, de pensar e de agir no mundo, modos de estabelecimento de relações entre os sujeitos e a natureza, modos de interagirem diante das atividades de trabalho, de se alimentarem, de se vestirem entre outras situações. No dizer de CASTRO (2006, p.148) “Sob essa paisagem de rios e florestas, de ecossistemas diversos, construíram a experiência coletiva, saberes e práticas singulares que lhes permitiram viver e se reproduzir em territórios..., cujas origens advém de sociedade indígenas e de quilombos no estado, até porque sabemos que os comportamentos são aprendidos e recriados por modos culturais de convívio e com as tradições que os envolvem.

ALVES, Eliene da Silva; TOUTONGE, Eliana Campos Pojo. Saberes das águas – intertrocas contínuas entre pessoas, saberes e uma fluida ancestralidade amazônica. . In: *Revista Falas Breves*, n.8, maio, 2020, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó –Breves, Breves-PA. ISSN



Neste sentido, os saberes locais são importantes na construção formativa do indivíduo, tendo em vista sua convivência em qualquer espaço social. No caso, dos sujeitos residentes das margens de rios, as suas observações, os seus saberes, os seus fazeres, as suas intertrocas são vitais para o bem-estar, somado à permanência deles nesses lugares, até porque seus modos de interagir com as águas são intensos e, por isso, necessitam conhecer e saber da movimentação das águas para que assim consigam sobreviver neste espaço. “Na Amazônia paraense convive-se com costumes e uma rotina margeada pelas águas dos rios, furos, igarapés, florestas, várzeas, baías, com as ilhas e suas praias, com os campos alagados, contextos que apresentam especificidades ambientais e sociais” (POJO et al, 2014, p.179). Neste contexto amazônico, os cursos das águas são influenciados pelas marés, pela intensidade do verão e da chuva. Os sujeitos do rio Acará, por exemplo, lidam com as marés de enchente<sup>8</sup> e vazante<sup>9</sup>, tempos-espacos aprendidos que se tornam parte das ações também diversificadas.

Tais ações integradas ao mundo das águas são visíveis no rio Acará, tendo os sujeitos em muitas situações, suas atividades diárias são alteradas em decorrência do movimento das águas. Ocorre, principalmente nos períodos de maior ou menor enchente do rio em que a atividade da agricultura situada na parte rural, por exemplo, fica totalmente comprometida. Do lado da cidade na outra margem, também ficam comprometidas as atividades de comércio com significativa diminuição de seu fluxo.

Os saberes são construídos e socializados nos momentos de convivência, sendo parte do conjunto cultural e das ações dos indivíduos, conforme se observa na prática social que ocorre no atravessamento que constitui o Rio Acará, pois ali se aprende um outro tipo de relação e de interação com as águas, aprende-se das interseções entre as diversas atividades que se movimentam no rio, aprende-se das simultâneas práticas que ocorrem nos espaços das margens, nos espaços da beira, nos espaços da feira, nos espaços da balsa, um verdadeiro atravessamento de círculos de vida e cultura (BRANDÃO, 2015). Isso será tratado no tópico posterior.

---

<sup>8</sup> Enchente do rio: período em que o volume de água é maior.

<sup>9</sup> Vazante do rio: período de menor volume de água.

## 2.5 Vivência nas águas: Intertrocas e Ancestralidade Amazônica

Foto 5 - Margem da cidade do rio Acará



*Águas de um belo lugar... Águas que inspiram e trazem a leveza no ar... Nesse lugar chamado Acará... As vidas giram entorno desse rio para amar... Espaço sereno que ajuda a viajar...*

*Encantando todos assim como o rio-mar.  
LN Alves (2019)*

Fonte: Pesquisa de Campo. Autora: Eliene Alves, 2019.

Como já dissemos, são muitas as particularidades encontradas na Região Amazônica, as quais são oriundas, em grande medida, das características distintas das populações que residem em territórios longínquos, com costumes singulares, com sujeitos detentores de saberes, de aprendizados e de experiências. As experiências estão voltadas principalmente ao cotidiano, cujas “[...] ações práticas respondem por um entendimento formulado na experiência das relações com a natureza, informando o processo de acumulação de conhecimento através das gerações” (CASTRO, 1998, p.06). Trata-se de um tipo de intertrocas de saberes que se difunde nas populações, principalmente nas populações tradicionais que dialogam entre si e com outras.

Na comunidade do entorno do rio Acará convivem com os saberes das águas, com saberes da natureza, com saberes das marés que estão circulando nas práticas cotidianas e, ao mesmo tempo, se entrecruzam com elementos da urbanidade da cidade. Pode-se dizer que são intertrocas entre cidade-campo, fazendo parte das ações e das atividades dos sujeitos que residem em ambos os lados do rio e, acabam por fortalecer “[...] os laços internos e ampliando seus conhecimentos e as práticas de uso dos recursos da floresta e dos cursos d’água” (CASTRO, 2006, p.140). Os que residem do lado da cidade vivem oxigenados pela influência desta, mesmo que tenham toda uma aproximação com o rio, e os que residem na margem do rio – o espaço rural – estão sob a égide de uma vida rural e com a influência das



coisas da cidade, reafirmando, mais uma vez, que há uma relação de reciprocidade entre o rural e a cidade.

Ainda, reforçando essa ideia de reciprocidade e de complementaridade campo-cidade, ilustramos com alguns movimentos dos residentes desses espaços: a) há os que residem na área rural ou do outro lado da cidade e diariamente realizam atividades de trabalho no centro da cidade; b) há os que moram na cidade e trabalham na área rural ou até em outra cidade e precisam realizar essa travessia diária e c) há moradores da cidade que trabalham atravessando diariamente as águas do rio Acará: são os barqueiros, os pescadores, entre outros. Todos esses, em conjunto, convivem, sabem e aprendem com a dinâmica das águas, convivem sob influência dos dois espaços e dão, portanto, outros significados às águas, seja o barqueiro que transporta, seja o feirante em sua venda na feira, seja o morador que transita pelo rio e no entorno, sejam simplesmente pessoas que gostam desse atravessamento das águas e observam os sujeitos atuantes neste lugar, todos acabam aprendendo nas intertrocas que ocorrem pela experiência do movimento cidade-campo e com a temporalidade e com a territorialidade das águas.

Pode-se dizer que há uma relação constante de intertrocas entre sujeitos-sujeitos, sujeitos-natureza, sujeito-lugar de convívio, sujeitos-águas, margeados por saberes que são aprendidos e reproduzidos pelos sujeitos. Assim, a interlocução social exercida no rio Acará constitui-se para os sujeitos um aprendizado cultural e de valorização da cidade, daí a relevância de se compreender a importância dos saberes locais na dinâmica sociocultural da região e da Amazônia, com base nas experiências dos sujeitos em suas relações com os espaços.

### **Considerações finais**

Os cursos das águas (rios, igarapés, furos, praias, córregos) tornam-se parte da vida dos sujeitos da cidade de Acará, cujas características assentam-se nos saberes, nos fazeres, nos convívios, nas intertrocas provenientes da ancestralidade, da tradição, da organização comunitária em contextos rurais amazônicos, na vida cabocla-indígena, cuja movimentação é parte da história que se construiu e se constrói socialmente. Com isso, os saberes das águas se conectam às vidas a partir de ações e de interações dos sujeitos, dos convívios e de reciprocidades, do passado, do presente e do futuro, margeando situações e tempos intergeracionais.



A investigação em seu curso, já sinaliza para um tipo de relação humano-natureza que é de proximidade e de distância por entre os diversos espaços e tempos, visto que de um lado as águas se entrelaçam às vidas humanas, as águas se misturam ao seu convívio, as águas são parte de uma interação socioambiental e sociocultural que se aprende todo dia. De outro lado, apesar da importância dada às águas pelos sujeitos, quase que inconscientemente, é frequente despejarem nessas mesmas águas muitos resíduos poluentes, apenas para citar a questão afetuosa e de descaso como partes de uma mesma relação.

De todo modo, adiantamos um olhar para o rio Acará como lugar de intertrocas socioculturais, em que os sujeitos possuem saberes, realizam ações diversas seja por atividades de trabalho ou de lazer. Por ele, se processam intertrocas no âmbito socioambiental, na medida em que os indivíduos possuem certa afinidade e de valor com o rio Acará, embora estejam presentes também ações malélicas as águas, ocasionando a sua poluição, ou seja, mesmo com toda uma identificação com o lugar presente nas práticas sociais dos residentes do entorno do rio Acará, em contato direto com as águas, muito há o que aprender na dinâmica socioambiental, econômica e educacional da Amazônia paraense.

## Referências

- BRANDÃO, C. R. Tempos e espaços nos mundos rurais do Brasil. **Ruris**. vol. 1, nº 1, março, 2007. p. 37-64.
- CASTRO, E. **Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais**. In: CASTRO, E.; PINTON, F. (Org.). *Faces do trópico úmido: conceitos e novas questões sobre desenvolvimento e meio ambiente*. Belém: CEJUP; UFPA-NAEA, 1998. p. 221-242.
- \_\_\_\_\_. CASTRO, E.; SANTOS, M. A. **Belém de águas e portos: ação do Estado e modernização na superfície**. In: \_\_\_\_\_. CASTRO, E. *Belém de Águas e Ilhas*. Belém: CEJUPA, 2006.
- CASTRO, E. **Terras de preto entre rios e igarapés**. In: \_\_\_\_\_. CASTRO, E. *Belém de Águas e Ilhas*. Belém: CEJUPA, 2006.
- CHIAPETTI, R. J. N.; CHIAPETTI, Jorge. A água e os rios: imagens e imaginário da natureza. **Geograficidade**. vol. 01, nº 01, Inverno, 2011. p. 67-86.
- DIEGUES, A. C. **Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil**. Ministério do Meio Ambiente, Núcleo de Pesquisas sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000. p. 208.
- ALVES, Eliene da Silva; TOUTONGE, Eliana Campos Pojo. Saberes das águas – intertrocas contínuas entre pessoas, saberes e uma fluida ancestralidade amazônica. . In: *Revista Falas Breves*, n.8, maio, 2020, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó –Breves, Breves-PA. ISSN



\_\_\_\_\_. Água e Cultura nas Populações Tradicionais Brasileiras. **I Encontro Internacional: Governança da Água**. São Paulo, 2007.

FAPESPA - Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas do Pará. **Estatísticas Municipais Paraenses**. Diretoria de Estatística e de Tecnologia e Gestão da Informação. Belém, 2016.

NETO, F. R.; FURTADO, L. G. A ribeirividade amazônica: algumas reflexões. **Cadernos de Campo**. São Paulo, n.24, p.158-182, 2015.

POJO, E. C. T. **Gapuiar de saberes e de processos educativos e identitários na comunidade do rio Baixo Itacuruçá, Abaetetuba – PA**. 2017, 243. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas – SP.

\_\_\_\_\_. O cotidiano das águas no brincar de crianças ribeirinhas e quilombolas do Baixo Tocantins – PA. **Arquivo Brasileiro de Educação**. Belo Horizonte, v.6, n.14, Mai-Ago/2018.

POJO, E. C. et al. As águas e os ribeirinhos – beirando sua cultura e margeando seus saberes. Abaetetuba. **Revista Margens**. v. 08, p. 176-198, Ago/2014.

PINTO-COELHO, R. M. & HAVENS, K. **Crise nas Águas. Educação ciências e governança, juntas, evitando conflitos gerados por escassez e perda da qualidade das águas**. Belo Horizonte: Editora Recóleo, 2015.